

Dá para Ser Casal Sem Sexo?

Um Estudo Qualitativo da Assexualidade nas Relações Conjugais

To Be a Sexless Couple?

A Qualitative Study of the Asexual Phenomenon in Conjugal Relations

Lilian Cristina Nascimento¹

João Laurentino dos Santos²

Resumo

Este artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada com três casais de classe média, de 36 a 58 anos, residentes na grande São Paulo, por meio de entrevistas semiestruturadas, nas quais relataram que aspectos clínicos e biológicos foram descartados, a partir de exames realizados. O estudo teve como objetivo compreender o fenômeno da assexualidade na relação dos casais quando um dos cônjuges se torna assexual pela perda do interesse e do desejo sexual em relação ao parceiro, porém sem deixar de amá-lo, preservando outros valores no casamento. Pode-se refletir que, nos últimos tempos, tem havido muitas mudanças nos valores e nas práticas de vida das pessoas, impactando seus hábitos, costumes e modos de viver. Os resultados apontaram que a assexualidade é uma das muitas maneiras de se vivenciar a sexualidade, não mais considerada por muitos como anormalidade, disfunção ou patologia, mas como uma possibilidade de ser e viver a sexualidade na vida contemporânea.

Palavras-chave: Sexualidade e Conjugalidade; Casais Assexuais; Terapia Sexual de Casais.

Abstract

This work aimed to understand the phenomenon of asexuality in relationship of couples in which one of the spouses becomes asexual by the loss of interest and sexual desire in relation to the partner, but still love him. Sexuality is a dimension of human life of a very complex nature. When it comes to considering it in the context of marital relationships, this complexity increases even more. In recent times

¹ Psicóloga e psicoterapeuta. Especialista em Terapia Familiar e de Casal pelo Núcleo de Família e Comunidade (PUC-SP).

² Psicólogo e psicoterapeuta. Doutor em Psicologia Clínica. Professor e supervisor no Curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal – Núcleo de Família e Comunidade (PUC-SP).

there have been many changes in people's values and life practices, impacting their habits, customs and ways of living. Asexuality is one of many ways of experiencing sexuality, no longer considered by many as an abnormality, dysfunction or pathology, but as a possibility of being and living the sexuality in contemporary life. It is a qualitative research in which the assumptions of the Systemic Relational Theory were used. As methodology it was used semi-structured open-ended interviews of three adults from both sexes, between 36 and 58 years old, living in the greater São Paulo; being two sexual and one asexual, which reported that clinical and biological aspects were discarded; and who were or are married. The results point to the fact that in the marital relationship, the lack of desire and loss of sexual interest causes the couple to become asexual, without, however, losing interest in the person; being the affection, respect and value of the relationship constructed from a history lived by two, implies in reviewing their expectations and relationships in marriage.

Keywords: *Sexuality and Conjugality; Asexual Couples; Couples Sexual Therapy.*

Introdução

A sexualidade conjugal chamou atenção quando comecei a atender casais no consultório e percebi a necessidade de aprofundar o assunto e buscar ampliar meu conhecimento. A cada caso que atendia no *setting* terapêutico, mais ainda encantava-me as diversas formas com que os clientes narravam suas histórias vividas no campo da sexualidade, bem como suas diferentes maneiras de expressá-la. Faziam referências a diversos contextos sociais, culturais e institucionais aludindo a temas relacionados com a repressão sexual, os tabus, as crenças e os valores. Apesar de muito se falar, ainda hoje, deparamo-nos com muitos preconceitos, julgamentos e não abertura para com o desconhecido e não familiar na esfera sexual, sobretudo quando se trata das diferenças relacionadas à sexualidade dos casais no que se refere a determinados padrões estabelecidos. Ao se falar sobre sexualidade, ainda é muito comum encontrarmos pessoas que ainda não diferenciam sexualidade de sexo, talvez pelo fato de que, historicamente, a sexualidade tenha sido, em algumas épocas, considerada como algo instintivo e que visava apenas à reprodução. Essa diferença conceitual, em geral, é muito desconhecida pela maioria das pessoas. Foi a partir da reflexão sobre essa diferença que me percebi em diálogos internos, revisitando minha trajetória de vida, tentando encontrar alguma coisa que explicasse o significado da palavra assexual. Lembrei-me das aulas de Biologia na minha fase de estudante no ensino médio, e diversas palavras começaram a emergir em meus pensamentos

a partir dos significados construídos com base nas descrições dos dicionários e outras literaturas sobre o tema em que havia entrado em contato: vegetal, frigidez, traumas e muitos outros ligados à ideia de patologias e déficits mentais. Na medida em que ouvia essas pessoas que se autodenominavam assexuais, encantei-me intensamente pelo assunto querendo conhecer o que, a princípio, causava-me estranheza e, ao mesmo tempo, surpresa. Queria compreender quem eram essas pessoas, o que sentiam, pensavam e quais os seus dilemas e desafios diante da sexualidade. Percebia que, para elas, não era nada fácil comunicar e expressar algo que vai na contramão e em desacordo com o que é ditado como normativo pela sociedade em geral. Ao pesquisar na internet sobre o tema da assexualidade, deparei-me com vários sites, entre eles, comunidades virtuais no Facebook. A partir desse instante, vi-me diante de um universo ainda mais vasto no que se refere a um conjunto de informações, perfis de pessoas e uma gama de valores e práticas relacionadas ao campo da sexualidade, cujo conhecimento teria muito a contribuir à minha vida profissional e pessoal. Foi quando, orientado pelo Professor Doutor João Laurentino, professor e supervisor de estágio do Curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal do Núcleo de Família e Comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), decidi pesquisar sobre o tema dos casais assexuais. Dessa forma, resolvi, primeiramente, compreender a definição de sexualidade. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um; é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas (OMS, 1975).

Pesquisando comunidades no Facebook, deparei-me com a frase que tanto me chamou atenção: *“Se existe sexo sem amor, porque não poderia haver amor sem sexo?”* (Oliveira, 2015). Pudemos perceber, por meio das conversas compartilhadas nas comunidades virtuais, que as pessoas assexuais trazem à luz o que, antes, apresentava-se ocultado, desconhecido e não familiar, construindo novos significados quanto à sexualidade diante da diversidade de expressões das experiências assexuais que possuem. O que antes não era dito sai do ocultamento em que se encontrava, e a assexualidade passa a ser revelada, acolhida, compartilhada e expressa por meio da linguagem como possibilidade de se ganhar voz e vez nessas comunidades. O fenômeno, ao ser visto e ouvido por

todos, torna-se testemunho e ganha estatuto de “verdade” e legitimidade, autenticando-se por meio das experiências dos indivíduos e da sua relevância na medida em que se torna cada vez mais público e compartilhado.

[...] o próprio testemunho é mais do que a confirmação do desvelado/revelado, pois ele mesmo se desdobra como um momento de desvelamento/ revelação. Não só algo se torna real quando visto e testemunhado por um olhar (singular e plural) como, também, aquele (s) que vê (veem), vêm-a-ser juntamente com o visto/testemunhado. (Critelli, 2007, p. 86).

A relevância social e teórica deste trabalho está na possibilidade de proporcionar um olhar mais amplo, crítico e reflexivo no que se refere ao tema da **assexualidade**, considerando novas possibilidades na construção de diálogos e significados no *setting* terapêutico ao tornar familiar o que, a princípio, apresentava-se como estranho e distante. Utilizei, como orientação teórica, o Pensamento Sistêmico Novo Paradigmático (Vasconcelos, 2003), em que procurei dialogar com outras obras e autores que considerei importantes para fundamentar o desenvolvimento da pesquisa como um todo. Dialoguei com as obras *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*, de Viktor Frankl (2005), e *História da sexualidade*, de Michel Foucault (2015), acerca da relação entre poder e conhecimento, a qual nos convida a um olhar crítico sobre a presença de diferentes dispositivos de poder e controle social sobre a vida e as instituições. E para fazer referência à fragilidade dos vínculos e das relações humanas em um mundo de liquidez, utilizei as obras de Zigmunt Bauman (2004), autor que aborda conceitos como: “amor líquido”, “vida líquida” “Identidade Líquida” e “modernidade líquida”.

Método

A escolha pela pesquisa qualitativa foi o meio que escolhemos para compreender, de modo mais cuidadoso e sistematizado, os significados atribuídos pelos casais quando se reconhecem assexuais. Foram consideradas as formalidades e os cuidados relativos à pesquisa envolvendo seres humanos, preconizados nos termos das resoluções de números 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, bem como as informações sobre os procedimentos éticos utilizados, incluindo o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e a aprovação do Comitê de Ética a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em 10 de agosto de 2017.

Segundo Minayo (2010, p. 21), “[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ou não deveria

ser quantificada.”. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido, aqui, como parte da realidade social, pois o ser humano distingue-se não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com os seus semelhantes (Minayo, 1993).

Para a compreensão do fenômeno da assexualidade, também recorri à perspectiva construcionista social. Segundo esta, o conhecimento é socialmente construído e se dá por meio da construção de sentidos por meio da linguagem e da poética social como uma prática de investigação conversacional na busca para dar visibilidade às produções de sentido (Gergen, 1997). Cabe ao pesquisador criar um sentido de experiência compartilhada na relação dialógica, considerando que uma investigação pautada pela poética social busca dar visibilidade aos processos discursivos e relacionais de produção de sentidos, a partir de uma ênfase especial às respostas corporificadas e espontâneas das pessoas umas às outras e ao mundo ao seu redor (Cunliffe, 2002; Shotter, 1998).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram entrevistados três participantes adultos de ambos os sexos, residentes na grande São Paulo, os quais se autodenominaram assexuais e relataram quais aspectos clínicos e biológicos foram descartados, sendo dois do sexo feminino e um do sexo masculino. O instrumento utilizado foi um roteiro com perguntas semiestruturadas, o qual oportunizou o desenvolvimento de processos dialógicos em torno do tema, possibilitando aos entrevistados narrarem suas experiências vividas a partir das entrevistas realizadas. Para elaboração das perguntas, foram consideradas: a vivência como psicóloga clínica no atendimento de indivíduos e casais, literaturas sobre o tema, apreciações e indicações do orientador e observações e informações obtidas por meio da participação nas comunidades virtuais. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Nos procedimentos, os participantes foram informados sobre o tema e quais eram seus objetivos. As entrevistas presenciais tiveram locais definidos de acordo com os participantes e foram gravadas em áudio com autorização prévia dos entrevistados. Anteriormente, foi entregue um termo de consentimento livre e esclarecido, tomando os cuidados éticos a partir da Resolução n. 196/96, que se trata de pesquisa com seres humanos. As entrevistas foram transcritas para serem utilizadas e analisadas. Foram construídas categorias a partir da análise dos conteúdos das informações obtidas nelas. A partir de tais categorias, procedeu-se à análise de seus sentidos e possíveis significados, desdobrando-se em subcategorias, nas quais se buscou uma aproximação mais refinada e apurada do

fenômeno da assexualidade nas relações conjugais. As categorias foram construídas a partir da Teoria Fundamentadas nos Dados (Bardin, 2011) e tiveram como finalidade uma maior organização dos dados obtidos pelas informações tendo em vista construir, de uma maneira mais ampla possível, o texto da discussão dos resultados.

Breve Histórico da Evolução do Conceito de Assexualidade

Diante da pluralidade e diversidade da vida, os modos de se viver a sexualidade também passaram por novas configurações e, entre elas, emerge a assexualidade como uma orientação sexual humana em fase de descoberta, do ponto de vista da pesquisa científica.

A partir de nossas pesquisas e observação nas comunidades virtuais assexual, as pessoas que se autodenominam “assexual” esclarecem que esta expressão surgiu para se diferenciar do termo assexuado, que, na Biologia, refere-se aos seres unicelulares que se reproduzem por bipartição. E como a assexualidade é uma orientação sexual, a denominação segue as mesmas referidas ao heterossexual, homossexual, bissexual e assexual. A popularização do termo assexual, no Brasil, tornou-se conhecida a partir do personagem Alê, na novela *Malhação*, em 2010³. Em meados de 1900, a falta de desejo sexual era considerada um distúrbio da sexualidade na literatura médica. Em 1940 e 1950, Alfred Kinsey, biólogo norte-americano, em um estudo sobre práticas sexuais, apurou que aproximadamente um por cento das pessoas entrevistadas não demonstrava interesse sexual. Myra Johnson (1977) publicou o artigo “Mulheres assexuais e autoeróticas”, no qual concluiu que as mulheres assexuais não tinham desejo. David Jay (2011) percebeu, em sua adolescência, a falta de interesse pelo sexo e criou uma comunidade virtual objetivando buscar pessoas que se sentissem como ele. Ao descobrir que várias pessoas identificavam-se com o que sentia, criou a Asexual Visibility and Education Network (AVEN), atualmente, uma das mais importantes comunidades assexuais do mundo, que se dedica ao apoio e ao estudo da assexualidade.

As pessoas que se denominam assexuais enfatizam que esse modo de viver a sexualidade não é uma escolha e que a falta de interesse pelo sexo é uma característica do assexual; o que difere do celibato, em que a abstinência sexual é consciente e voluntária, existindo o desejo sexual. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), publicado em 1994, apresenta essa

³

<http://www.assexualidade.com.br/2016/09/assexuado-ou-assexual.html>

possibilidade de ser da sexualidade como transtorno do desejo hipoativo. Na quinta versão do manual (2013), a definição do transtorno sexual (aversão ao sexo) foi alterada, reconhecendo a não necessidade de patologizar a assexualidade.

A psicóloga canadense Lori Brotto⁴, pesquisadora em nível mundial da assexualidade, ao entrar em contato com o tema pela primeira vez, acreditou que os assexuais seriam acometidos de algum tipo de transtorno (stress pós-traumático, depressão, ansiedade, entre outros) e foi entrando em contato com essas pessoas que passou a compreender melhor tal fenômeno e desmistificou a assexualidade como patologia.

O conceito de assexualidade é tão novo que muitos profissionais acabam generalizando a falta de desejo sexual e o tornando patológico. E para que ocorra uma mudança, os assexuais precisam ter voz, uma vez que, entre outros fatores, o que sustenta o tabu é o silêncio. Desmistificar esse conceito patologizante para que o amor possa ser vivido e a sexualidade não se limite à atração sexual tem sido muito importante para esses grupos.

Com a repressão sexual ao longo da história e a supervalorização do mesmo na contemporaneidade, como legitimar e buscar aceitação da assexualidade sem que ela seja vista como um problema ou doença, transtorno, patologia, síndrome ou déficit?

Foi a partir e por meio das comunidades virtuais, bem como na troca de experiências sobre o que as pessoas sentiam e viviam, que a Rede para Educação e Visibilidade da Assexualidade (Asexual Visibility and Education Network – AVEN) criou subclassificações do modo de ser da sexualidade: Sexuais como pessoas que sentem atração sexual; Demissexuais e *Gray-a* (estão entre a assexualidade e outras orientações sexuais) – os Demissexuais sentem atração sexual quando há laços afetivos fortes, e os *Gray-a* podem sentir atração sexual em momentos específicos sem que haja laço afetivo; e os Assexuais são pessoas que não sentem atração sexual.

Nesse sentido, as maneiras de manifestar a assexualidade difere de pessoa para pessoa, sendo que algumas não sentem falta de sexo e outras o repudiam; alguns preferem a masturbação ou não; e, em alguns casos, pode acontecer o contato sexual sem envolvimento afetivo.

Tabela 1

⁴ Informação recuperada em 21 setembro, 2016, do site Comunidade Assexual.

Subclassificações dos assexuais

Românticos: não sentem atração sexual, mas pode ter interesse amoroso por alguém.	Arromânticos: não sentem atração sexual, nem interesse amoroso por alguém.
Heterorromânticos: têm interesse por pessoas de outro sexo.	Autoerótico: não sente atração sexual ou amorosa, mas se masturba.
Homorromânticos: interesse por pessoas do mesmo sexo.	Radical: a pessoa não se masturba.
Birromânticos: interesse por pessoas de ambos os sexos.	-----
Panrromânticos: o interesse romântico ultrapassa a ideia binária dos gêneros.	-----

Nota. As informações contidas na tabela foram retiradas do Portal UOL e da Revista Superinteressante.

É importante ressaltar que as subclassificações não generalizam, mas priorizam a individualidade da pessoa assexual.

Na pesquisa de campo “Estudo da vida sexual do brasileiro” (2002/2003), do Projeto Sexualidade, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, e coordenada pela psiquiatra e professora Carmita Abdo, encontramos alguns dados que estão relacionados ao objetivo deste artigo: dos 7.103 entrevistados das cinco regiões do Brasil (sendo 54,6% homens e 45,4% mulheres), 7,7% das mulheres e 2,5% dos homens disseram que não praticam sexo, nem estão preocupados com isso (menor contingente entre ambos os sexos na idade de 26 a 40 anos) e as “falhas sexuais” (falta de ou pouco desejo sendo uma delas) como constantes por 48,1% dos homens e 50,9% das mulheres.

Pesquisei nas literaturas o que os autores como Bauman, Viktor Frankl e Foucault dizem sobre amor e desejo. Segundo Bauman (2004), o desejo e o amor encontram-se em campos opostos. O amor é uma rede lançada sobre a eternidade. Fiéis a suas naturezas, o amor empenhar-se-ia em perpetuar o desejo, enquanto este se esquivaria aos grilhões do amor (Bauman, 2004).

Segundo o mesmo autor, o desejo é a vontade de consumir, compulsão para preencher uma lacuna e o amor é vontade de cuidar, um estímulo a proteger, expropriar e assumir responsabilidades

(Bauman, 2004). Responsabilidade que traz implícitos valores que foram transmitidos e construídos na história de vida de cada indivíduo. Nesse sentido, pensamos que a continuidade do casamento, ou não, no qual os dois ou um dos parceiros é assexual, implicará em rever o contrato conjugal, com suas novas configurações de valores e significados diante do novo momento, entre eles o valor do amor e o valor do desejo para a relação. O desejo quer consumir e aniquilar o objeto. É a banalização do afeto diante do outro descartado. O amor realiza-se quando uma pessoa busca, no outro, um complemento existencial e não como preenchimento da busca imediata do prazer.

Algumas falas com as quais me deparei nos sites fazem referência ao sexo no casamento como obrigação, e algumas participantes que se tornaram assexuais relataram que só faziam sexo para que os parceiros não buscassem fora do casamento. Para Peggy Papp (1995, p. 149),

[...] corresponder às necessidades dos outros dá às mulheres uma sensação de gratificação e prazer, mas às custas de depender dos outros, especialmente do marido, para obter poder, prestígio e autoridade fora da família. Quando sua dependência do marido é também econômica, então as mulheres não podem desenvolver as habilidades necessárias para enfrentar a realidade extrafamiliar [...]

Assim, disso decorre, entre outros fatores, o peso social, relacionado com o valor da fidelidade conjugal, dado ao sexo dentro do casamento.

Discussão dos Resultados

Os participantes deram muita ênfase às dificuldades enfrentadas pelas perdas do interesse sexual e a percepção de que um dos parceiros têm a respeito da sexualidade, entendendo-a como sintoma ou problema no relacionamento que expressa algum tipo de problema no campo da sexualidade do casal. Na experiência de um dos casais, tais sintomas expressam-se fisicamente relacionados a um processo de somatização com a presença de infecções genitais que podem estar relacionadas a uma expressão psicossomática com sentido de afastamento com regulação da intimidade sexual. Nessas infecções, aparecem a presença de odores que, segundo o significado atribuído pelos participantes, resultam em tornar mais concreto e evidente o afastamento do casal, impossibilitando que haja relação sexual.

Os sinais da assexualidade também aparecem pela presença da gravidez, sustentada por crenças e mitos sobre sexualidade e maternidade como sendo incongruentes. Além disso, do ponto de

vista das mudanças de fases do ciclo vital (Carter & MacGoldrick, 1995), também podemos pensar que, quando a mulher experimenta a transição na mudança da sua identidade de parceira/mulher/amante para dona de casa/mãe, pode haver uma interferência psicológica na maneira como ela se percebe em termos de seu novo momento indenitário, que, de alguma maneira, pode afetar a sexualidade. Além disso, devemos considerar a chegada dos filhos como algo que influencia significativamente a sexualidade do casal, uma vez que são absorvidos pelas tarefas de cuidados constantes, pelas responsabilidades financeiras e pela falta de tempo para ficarem juntos como casal, além do stress que experimentam. Algumas mulheres tendem a ficar mais focadas no papel de mãe, estressadas com uma série de demandas relacionadas aos filhos, podendo, de alguma maneira, deixar o homem periférico, principalmente se tiver outra jornada de trabalho além de tomar conta da casa e cuidar dos filhos. Nesse sentido, a intimidade, a proximidade, a comunicação, a afeição e o calor entre o casal em geral tende a diminuir, resultando em certo tipo de esfriamento sexual. Esses fatores relacionados ao ciclo vital do casal tornam ainda mais potente a possibilidade de emergir a condição da assexualidade no relacionamento conjugal. Bauman (2004, p. 61) acentua que “as crises conjugais como depressão pós-parto parecem enfermidades específicas de nossa modernidade líquida”, a qual ter filhos implica na diminuição das ambições pessoais e na responsabilidade diante da chegada de um novo ser que exigirá dedicação, obrigações e entrega, indo em desencontro com a essência da política de vida líquida que as pessoas evitam atualmente.

Outros fatores relacionados ao aparecimento da assexualidade no casamento estão ligados ao stress resultante do excesso de trabalho, ausência no lar e concentração em outros pontos da vida. Nessa situação, é importante não adotarmos uma visão unilateral, atribuindo culpa a somente uma das partes, dizendo que o problema é somente dele ou dela. Entendemos que esses efeitos resultam de uma dança entre o casal, na qual se faz necessário considerar o caráter complementar das relações em função das configurações e do tipo de relação que o casal estabelece ao longo de sua caminhada juntos.

O casal defronta-se com a perda do desejo, culminando na ausência de uma vida sexual que, até então, estavam acostumados a levar. O casal fica atordoado frente às diferenças que vão percebendo na mudança da sexualidade e a tendência de não conversarem, calando-se um em relação ao outro. Nesse sentido, os participantes disseram ficar ruminando e focalizados em um diálogo interno, com ideias negativas que vão passando-se em seus pensamentos em relação aos parceiros.

Segundo os participantes, experimentavam sentimento de rejeição por parte do(a) parceiro(a), fantasias e suposições de traição e infidelidade ou homossexualidade, levando a uma sensação vivencial de exclusão. Ficavam aprisionados em uma série de dúvidas, inseguranças e questionamentos sobre o que se passava na cabeça dos parceiros, explicitando ausência de diálogo e comunicação aberta, clara, direta e objetiva sobre o tema, experimentando um sentimento de solidão e aprisionados numa rede de suposições sobre o que está acontecendo com o par assexual.

Disseram, também, pensar que o(a) parceiro(a) que está se descobrindo assexual está traindo o contrato conjugal com a presença de infidelidade ou que está migrando para outro interesse ou possibilidade de orientação do desejo sexual, como a homossexualidade, a bissexualidade, a transsexualidade ou, até mesmo, tendo um caso. Nesse momento, entre o casal, surgem as cobranças e os conflitos gerados pelas acusações que levam a um alto nível de exigência em que o parceiro queixoso da falta de sexo fica interrogando como se estivesse fazendo um inquérito, à semelhança do que descreve Gottman (2014, p. 15): “[...] com medo de adultério ou de outras formas de infidelidade, indivíduos desconfiados agem como detetives ou advogados de acusação, interrogando seus cônjuges e tentando provar que sua insegurança é justificada.”.

A comunicação do casal passa a ser muito prejudicada pela insistência de uma das partes na busca por uma resposta, surgindo brigas que levam o parceiro assexual a assumir uma postura de negação. Nas tentativas de conversar, o par assexuado chega a ser interpretado pelo outro como se estivesse buscando fuga para o que não sabe no momento explicar. É nesse instante que sentem a relação como um campo minado. O casal, ou uma das partes, decide buscar ajuda profissional na tentativa de encontrar uma resposta para o “problema” que enfrentam. Buscam ajuda de especialista como urologistas, ginecologistas, psiquiatras, neurologistas e psicólogos. Diante das incertezas com as quais se deparam, ao serem descartados fatores de caráter mental e fisiológicos e a resistência do parceiro acometido em fazer terapia, começam a pesquisar nas redes sociais, buscando nomear alguma coisa que esclareça o que estão vivenciando. Chegam a criar expectativas de que possam encontrar, nas redes sociais, a indicação de algum tipo de tratamento para ajudar em algo que se apresenta como desconhecido e não familiar, com expectativas milagrosas para a situação.

Diante das frustrações do desejo sexual não correspondido, seja do homem com suas necessidades, seja da “mulher fogosa”, que caracterizaram as descrições dos participantes, crescem as suspeitas de traição ou homossexualidade, implicando um estado de fragilidade ainda maior para o

casamento. Um de nossos participantes fez referência ao sofrimento vivido e a imensa frustração de ter sido uma mulher que se casou virgem, acreditando no homem ideal, sem imaginar que, em algum momento do casamento, esse se revelaria assexual.

Cabe-nos refletir sobre as questões que envolvem o parceiro, que, ao se defrontar com a notícia de que seu par com quem conviveu há anos se descobre assexual, sente-se rejeitado ou não desejado, chegando a buscar outras possibilidades de realizar suas necessidades sexuais e afetivas. Disseram experimentar o sobressalto em relação a si próprios porque se viam pensando em traição diante do afastamento do(a) companheiro(a) e da necessidade de aliviar a energia sexual reprimida, a qual gerava até nervosismo e descontrole emocional decorrente da abstinência pela qual passavam.

Os homens e as mulheres que participaram deste estudo fizeram referência ao fato de experimentarem certo grau de dualidade entre o sentimento de rejeição e aceitação de seus parceiros assexuais, bem como o sentimento de exclusão e inclusão vivenciados no casamento, uma vez que sentiam que o amor e a admiração pela pessoa não havia acabado, experimentando sentimentos contraditórios quando consideravam a possibilidade de que pudessem responder às suas incertezas de ser ou não uma pessoa desejada por meio de procurar outra pessoa. Disseram experimentar um conflito de valores, gerando dilemas existenciais vivenciados ao considerar outras formas de satisfazer seu desejo sexual.

Foucault (2014), ao falar do cuidado de si, apresenta a dimensão ética como um jogo de forças do eu para consigo mesmo, com seus desejos e limitações de liberdade, quase sempre associadas à imposição feita pela educação familiar recebida e a escolha de outras possibilidades, que acaba conduzindo a pessoa para uma prisão no relacionamento conjugal em função da força de poder dos ditames normativos advindos da nossa cultura e sociedade, fazendo com que a maioria das pessoas acabem por não experienciar a liberdade para serem elas mesmas. Essas experiências colocam os sujeitos em um universo de valores que define o que é importante para a vida deles e para a relação. É nesse impasse que se encontra o indivíduo assexual e seu par, quanto aos valores que revelam o que acreditam ser fundamental para eles no casamento. Precisam se voltar para si e se perguntarem o que é mais importante numa relação que validam como legítima e com valores que transcendem a sexualidade. Valores como lealdade afetiva, respeito, companheirismo, compromisso, cumplicidade, bondade, parceria, cuidado e proteção, experimentados mutuamente na relação faz com que elejam as dimensões ética e relacional como critérios que fazem com que prefiram o significado da história

vivida como determinante para continuarem vivendo juntos. O casal revê seus valores e considera a possibilidade de, como parceiros, viverem juntos como uma escolha mútua, sendo a assexualidade uma possibilidade de ser da sexualidade na relação conjugal.

Diante da falta de desejo sexual pelo parceiro que teve como consequência a separação em um dos casais entrevistados, pudemos ver que o medo do preconceito e estigma, bem como da não aceitação do parceiro por familiares e amigos caso venham a saber de sua condição assexual, bem como a vergonha por não saber explicar o que está se passando, tem grande força no mal destino que alguns casais dão aos seus relacionamentos – o divórcio. Surge daí a necessidade de informação e a capacidade de qualificar e compreender tal experiência, não patologizando. Esclarecimentos, aceitação e alívio se tornam alicerces importantes diante dessa nova forma de viver a sexualidade, a qual o parceiro assexual passa a ser visto pelo companheiro com respeito e compreensão. Com a clareza de que não há uma doença, mas uma mudança de foco que direciona o prazer para outros objetos, encontram a felicidade desassociada do sexo. Bauman (2004) descreve sobre o vazio existencial que, na modernidade líquida, busca-se preencher com o sexo, com supervalorização do ter em detrimento do ser ao possuir o objeto de desejo. Podemos pensar que, na construção de um lugar emocional comum, que se constrói pelo processo de intersecção relacional que o casal realiza ao longo da vida conjugal, que define o casal quase como uma entidade, pelo aspecto singular que esta experiência resulta, com vida e dinâmicas próprias, a falta de desejo e interesse sexual instala-se como efeito resultante do processo complexo da dinâmica relacional, fazendo com que o casal se torne assexual. Nesse sentido, podemos refletir que é a relação do casal que é assexual, sendo possível que, do ponto de vista de cada um que compõe o casal, pode-se fazer diferentes arranjos no que se refere ao exercício individual da sexualidade da parte que não se considera assexual. Disso decorre a possibilidade de novos combinados em que um dos parceiros pode exercer a sexualidade fora da relação, fazendo um pacto de silêncio sobre o que o outro não assexual faz da sua sexualidade. Se estabelece como possibilidade o fato de a pessoa não assexual ser autorizada pelo membro assexual a exercer sua sexualidade fora da relação, sendo que isso está claro para ambos, tendo valor de contrato conjugal. Enfim, são muitas as possibilidades de como lidar com essa questão no casamento, dependendo da história singular de cada casal.

Pudemos perceber que esse processo de acomodação dos casais diante de tal fenômeno que emerge na relação fica menos difícil na medida em que, na busca do casal por uma resposta a seus

conflitos e dilemas, ao se depararem com o termo assexualidade, descobrem muitas pessoas que vivenciam a mesma situação. Isso favorece uma atitude de despatologização que se torna concreta diante do surgimento da legitimação experimentada, que amplia o conhecimento, ao mesmo tempo, trazendo alívio e empoderamento para o casal tocar a vida e seguir em frente. Passam a lidar com o fato de que a sexualidade não é a coisa mais importante na vida conjugal.

O sentimento de respeito pelo outro poder viver sua sexualidade passa a alimentar essa relação que se tornou uma grande amizade, embora com a conservação de outros valores que já faziam parte, sobretudo se ainda têm filhos, constituindo-se em um casal parental tão somente.

Com relação aos impactos e aos efeitos da assexualidade na relação do casal, o que pudemos perceber foi que, inicialmente, há uma negação do parceiro assexual diante da possibilidade de que algo não está bem, acarretando uma resistência em aceitar a própria sexualidade. Buscando, nas tentativas frustradas do ato sexual, resgatar algo que, em algum momento, transformou-se e, diante do desconhecimento das pessoas e dele próprio, torna-se vulnerável aos olhares do parceiro, o que muitas vezes leva à interferência dos familiares, os quais desconhecem o momento pelo qual o casal está passando, chegando a tirar conclusões errôneas e fazendo julgamentos, colocando os cônjuges em uma situação de coerção sem poderem posicionar-se de forma legítima em sua condição. Na busca do casal pelo conhecimento e na tentativa de compreender o que estão vivenciando, ao se depararem com um conceito que torna familiar o que até então causava estranhamento, constroem, por meio do respeito, um jeito de se relacionarem. Percebemos, nos relatos dos participantes, que, quando obtiveram maiores esclarecimentos sobre o fenômeno da assexualidade pelo compartilhar de experiência nas comunidades virtuais nas quais participaram, os casais lidaram com uma mudança do olhar diferenciado para com o parceiro assexual, que se transformou em aceitação e respeito à alteridade do outro. O grande facilitador para esse entendimento foi a proximidade entre o casal, chegando a relatar que a aceitação é *“comparada aos pais que aceitam os filhos gays”*; o que nos leva a entender que sentimentos maiores sobrepõem o preconceito e estereótipos, ou seja, a experiência de revisão, fortalecimento e transformação dos valores conjugais. Dessa forma, compreende-se que é por meio da convivência e do falar sobre o tema que o estranho se torna familiar, alimentando um sentimento de tranquilidade ao poder superar a si mesmo em suas angústias e sofrimentos.

Quando a necessidade sexual fala mais alto e o parceiro assexual não pode corresponder às expectativas de satisfazer o cônjuge, a decisão da separação é inevitável enquanto possibilidade que

emerge de imediato, sendo que, em alguns casos, pode levar anos. No entanto, ao ancorar a relação nos valores mais elevados em termos do que tem valor para ambos, prevalece o respeito por uma história vivida juntos, olhando para as aquisições que realizaram, o que faz com que sobrevivam e mantenham a relação com um profundo sentido de amizade e parceria para continuarem enfrentando, juntos, os desafios por vir.

Vale a pena reforçar o fato de que a tradição social e cultural prevalente concebe a sexualidade e a conjugalidade como inerentes e qualquer desassociação representa um problema para o casamento. Essa construção histórica e sociocultural cristalizada sustenta ideologias moralistas com consequente julgamento, rejeição e exclusão dos casais que vivem nessa condição. Isso resulta em que o casal assexual mergulha em um ocultamento que fortalece o companheirismo, e a lealdade entre eles acaba por reforçar a não visibilidade desse modo de viver a sexualidade que, para muitos, seria visto como um problema.

Assim, a partir das conversas com os casais e posteriores análises, podemos considerar que aquilo que inicialmente se apresenta como “coisa de outro mundo” transforma-se em uma realidade presente, real, concreta e legítima que, com o tempo, permite a convivência com o diferente. Os participantes descreveram, em suas falas, que o sentimento de tranquilidade surge e ajuda a ressignificar sofrimentos e pensamentos de exclusão, rejeição ou traição, homossexualidade do parceiro, entre outros. Diante de tantos acontecimentos e descobertas, cabe ao casal a decisão de como cuidarão dessa relação que foi construída com o tempo em que estiveram juntos e como será a relação do casal no momento presente. Alguns acham que o melhor para ambos seria a separação, enquanto, para outros, o respeito torna-se um valor essencial do casal, que já se reconhecem em uma relação assexual.

O casal assexual escolhe não compartilhar sua intimidade no que se refere à forma de viverem sua sexualidade, porque temem não serem compreendidos pelos amigos. Assim, o casal refaz um novo contrato de como se apresentarão no papel de casados considerando a assexualidade na relação, agora alicerçados nos valores do respeito, da amizade, do companheirismo e do cuidado mútuo. Aproveito para fazer referência ao Professor Doutor João Laurentino com minhas inquietações teóricas quando percebia que a literatura sobre sexualidade geralmente aborda a questão como um problema, a partir da ideia de déficit ou patologia do desenvolvimento individual e/ou da sexualidade da pessoa ou do casal. Indagava-me meu professor/orientador: *“Se as questões clínicas estão descartadas, se as*

peessoas dizem não ser um problema para elas, mas uma escolha por viver esta possibilidade de ser da sexualidade – para quem o problema é um problema?”. Se não ter desejo sexual é um problema para a sociedade e o casal escolhe, como nos indica Bauman (2004), não darem importância às predileções sexuais, mas à identidade sexual que melhor se ajuste a ele(a) – o que dizer? O que fazer?

Em conversas com colegas de trabalho, buscando saber o que pensavam sobre a pessoa sem vontade sexual, encontrava relatos em que se referiam a conhecerem alguém, mas que, diante dos tabus de se falar sobre esse aspecto da sexualidade, a questão acabava aparecendo de modo velado, mas não fazendo referência explícita a ele. Isso nos levava a refletir sobre a importância da visibilidade assexual como uma das muitas formas de se viver a sexualidade sem que tenhamos que expor a intimidade das pessoas. Mas possibilitar, pelo diálogo, a retirada do ocultamento e trazer luz à diversidade de possibilidades de se viver a sexualidade, dada pela condição de abertura existencial do ser humano que se expressa pelas muitas possibilidades, em que somos ontologicamente marcados pela capacidade constante de construção e mutabilidade, marcado pelo caráter de transcendência que lhe é inerente, pode fazer muita diferença no sentido de minimizar o sofrimento dos casais e fazer uma abordagem mais humanizada da questão.

Sobre ser assexual como uma forma de ser-no-mundo e na relação com o outro (nesse caso, na relação conjugal), sob o olhar do parceiro assexual diante da assexualidade e conjugalidade, novos contratos são definidos no que se refere à vida conjugal e às dificuldades por eles encontradas. Novos objetivos são construídos no que se refere ao cuidado do indivíduo com quem se vive, e consequentemente ocorre uma mudança de foco ao desvencilhar a sexualidade dos papéis de marido e esposa. Pudemos notar que uma das possibilidades de cuidado descrita pelos participantes foi a busca de psicoterapia como uma forma de autoconhecimento.

Outro aspecto que observamos foi que todos os casais tiveram filhos durante o casamento, o que nos remete aos significados que foram construídos sobre o cuidado com o outro (filho) e o conceito de família, valores mencionados como sendo essenciais, que transcendem à sexualidade no casamento. Diante das responsabilidades e participação da parentalidade que se diferencia dos papéis de marido e esposa, notou-se uma preocupação de cuidado em relação aos filhos, resultando num sentimento de autovalorização a partir do que foi possível construir na relação com o outro – o que nos leva a refletir sobre o que Bauman (2004) descreveu como amor-próprio. Amor-próprio como uma questão de sobrevivência humana que difere de qualquer outra criatura viva, conduzindo ao amor ao

próximo; e, ao pensarem nos filhos, manifestam uma forma de amor incondicional, sentimentos estes que resultaram do fato de um dia terem experimentado o sexo como fazendo parte da relação em sua dimensão reprodutiva.

Envolvidos em tantas questões existenciais e interpessoais, os participantes passaram por momentos de reflexões durante as conversas na realização da pesquisa, sobretudo ao entrar em contato com o passado da conjugalidade em que o sexo estava presente, surgindo lamentos sobre que se foi e não existe mais e de uma família idealizada nas bases de significados ditados e normatizados culturalmente, que se transformaram no âmbito da singularidade do casal. Pudemos perceber que os filhos tornaram-se o elo do casal que se tornou assexual e, no enfrentamento de um recomeço que tem como base a amizade entre os parceiros, unidos pelo compromisso de amor, cuidado, proteção e pertencimento familiar a seus membros.

Diante dos desafios e dificuldades encontrados no início desta pesquisa para entrar em contato com as pessoas assexuais que foram ou estão casadas e tiveram filho durante o casamento, a abertura que se apresentou foi a possibilidade de responderem a um roteiro de perguntas, o qual utilizei para fazer o pré-teste do meu roteiro de entrevista. Nele, as pessoas fizeram referência ao fato de estarem descobrindo a assexualidade na conjugalidade sob o olhar do parceiro assexual. Ao descrever sobre como descobriram o termo assexualidade, apareceu a internet como sendo a fonte em que os assexuais buscam uma resposta para o que, a princípio, é visto como um problema; vindo a ser essa uma das principais ferramentas de descoberta da assexualidade, a qual oferece um espaço para os participantes discutirem sobre o tema. Por meio da entrevista, J. C. relatou: *“Em momento algum me dei conta de que era assexual. Achava estranho não sentir vontade, porém me preocupava”* (sic); havia sempre momentos de reflexão. J. C. descreveu: *“Eu fiquei extremamente feliz em descobrir o porquê de me sentir diferente da maioria das mulheres”* (sic).

Espaços de compartilhamentos são ambientes de testemunho em que as pessoas, ao se relacionarem, nomeiam suas experiências cotidianas e, quando nomeiam encontram um lugar, encontram semelhantes. Saem da solidão. Testemunham. Compartilham. Nomeiam. E dar um nome é dar presença. E ser presente é existir. Do ponto de vista da experiência dos participantes, pudemos entender que o conceito assexualidade, além de trazer um esclarecimento para muitos questionamentos e dúvidas, proporcionava uma sensação libertadora e possibilidades de relacionamentos com pessoas que se entendem e se compreendem. Isso vai em desencontro com a

afirmação de Bauman (2004, p. 82) quando diz que: “a realização mais importante da proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento [...] ela não exige laços estabelecidos [...]”. O que dizer, então, sobre o significado que a internet tem para as pessoas que se autodenominam como assexuais quando oferece novas possibilidades para se construir laços afetivos, de compartilhamentos e relacionamentos? Caberia, nesse caso, a conhecida frase *toda regra tem exceção*? Há diferenças em termos de possibilidade de ser quando pensamos do lugar teórico e quando pensamos do lugar da experiência vivida, da construção de significados? Dependendo do ponto em que se olha, cada um vê a realidade de determinada maneira e, assim, deparamo-nos com o fato de o conhecimento poder ser construído a partir das diversas realidades possíveis de serem apreendidas por aquele que observa. Nesse sentido, no caso da assexualidade na conjugalidade, tal fenômeno só tem sentido dentro do contexto específico de cada casal, o que constitui a realidade mesma de cada um, encarnada, por eles, a partir da experiência vivida e seus trânsitos e desdobramentos nos diferentes momentos ao longo da jornada, juntos. Assim, consideramos que, diante da invisibilidade da assexualidade e da impossibilidade de se dar voz e visibilidade para o que se vive, atos de abuso podem estar presentes de diversas formas – seja por meio do abuso psicológico, sexual, marital, emocional ou, até mesmo, no aprisionamento em si mesmo, com consequentes resultados em termos de saúde mental. É preciso que as pessoas que vivenciam essa experiência possam ter voz e visibilidade, uma vez que, como é sabido pela maioria de nós, o que reforça o tabu é o silêncio. Desse modo, fica a reflexão: como o casal pode construir um diálogo sobre suas responsabilidades pessoais e a responsabilidade relacional, evitando, assim, que, na maioria das vezes, um coloque a responsabilidade por sua felicidade nas mãos do outro, considerando a sexualidade?

Considerações Finais

Com o aprofundamento do trabalho, foi possível compreender que a assexualidade do casal está no âmbito da conjugalidade. Esta como expressão de um lugar próprio resultante da intersecção, das trocas afetivo-emocionais e comunicações realizadas entre eles, independentemente de cada indivíduo da relação conjugal ser ou não assexual. Tornar a experiência da assexualidade mais familiar e mais aproximada foi primordial, a partir e por meio da participação em grupos e comunidades virtuais de assexuais, para, depois, problematizar tal questão aqui apresentada. A força de uma pesquisa não está em naturalizar ou normalizar, mas em se tornar um processo de construção de conhecimento que

possa iluminar o fenômeno, dar visibilidade e permitir sua presença, de modo que o mesmo possa sair da sombra, do estranhamento e torná-lo mais familiar. Por meio dos grupos, comunidades, blogs e artigos, bem como das conversas com clientes e os participantes da pesquisa, pude experimentar a superação do estranhamento temático, tornando-me mais aproximada do fenômeno da assexualidade, tornando-o mais familiar a mim. Acredito que esse tenha sido o grande diferencial deste trabalho, uma vez que eu só havia decidido pelo tema depois que ampliei um pouco mais minha compreensão e reconheci como legítimo esse novo jeito de manifestação da sexualidade. O olhar da pesquisadora se tornou presente quando entrei em contato com autores como Bauman, Foucault, Victor Frankl, Freud e a Elisabete R. B. de Oliveira. Nesse instante, começou um processo de mudança das lentes sob o olhar do fenômeno que se apresentava, constituindo, assim, um diálogo entre os autores apresentados e os fundamentos da Terapia Familiar Sistêmica. Percebi que, para alguns casais, o valor fundamental não era a prática do sexo, mas a amizade, o companheirismo e a parceria. Assim, foi possível perceber que a força dos valores considerados pelos casais adquire uma importante influência sobre sua sexualidade, que vai se transformando ao longo da vida a dois. Desse modo, pudemos vislumbrar a possibilidade de, nesse processo de transformação da vida a dois, os casais poderem negociar seus acordos conjugais e construir alternativas para vivenciarem sua sexualidade fora dos padrões normativos tradicionais, principalmente quando consideramos as muitas possibilidades de ser como uma característica do mundo contemporâneo que vivemos. A expressão de amor pode vir pelo carinho, compaixão, proximidade, empatia e aceitação, cuidado mútuo e respeito, sem necessariamente perpassar pela obrigatoriedade do exercício da sexualidade dentro do casamento, segundo o que pudemos observar nos relatos dos entrevistados sobre suas experiências. Desse modo, pode-se considerar que a sexualidade tem o seu caráter de ser socialmente construída, resultado das influências dos discursos presentes nos diferentes momentos históricos, contextos e experiências de vidas singulares. Podemos acompanhar suas transmutações porque ela não é fixa e imutável, e isso também vale para os casais. A cultura sobredetermina um estilo de vida sexual, e o indivíduo que não se encaixa nele, por desconhecimento, vê-se como possuidor de algum tipo de patologia, déficit, desordem, transtorno, disfunção... Assim, uma reflexão que fica a respeito da *assexualidade* é que ela possa ser vista e considerada como sendo, entre muitas outras possibilidades, de um ponto de vista cultural e social, como um tipo de resistência ao poder de imposição da erotização e que talvez resistir a ela possa ser uma atitude ético-política-libertadora.

A partir de minha inserção nos grupos e comunidades virtuais, pude perceber que as pessoas, ao descobrirem um espaço em que existem outros vivenciando algo parecido, mergulham em pensamentos que levam à reflexão diante de situações e sentimentos vividos, podendo compartilhar suas experiências e tornando o fardo do desconhecido mais leve. Foi importante para os participantes entenderem o que acontecia, quebrando o silêncio ao falar, tornando o estranho familiar. Ao mesmo tempo que o que era familiar, tido como padrão posto pela sociedade, causava, também, estranhamento. Foi fundamental tirar desejo e assexualidade de campos opostos, não como uma coisa dual, mas podendo estar relacionados. O desejo de ficar junto e de ser casal tornou-se mais importante do que o desejo sexual em função de outros valores que são importantes nas relações entre as pessoas. Durante o desenvolvimento deste trabalho, a partir de relatos ouvidos, surgiram algumas reflexões que compartilho aqui por meio de perguntas que, por sua natureza generativa, pode dar origem a outras pesquisas e estudos sobre o tema: o relacionamento entre uma pessoa sexual com outra assexual poderia dar margem para algum tipo de violência psicológica ou algum tipo de abuso, mesmo que haja concessão por uma das partes? No caso da presença de quadros depressivos, eles podem surgir pelo não enfrentamento e desconhecimento da assexualidade pelas pessoas? Seria possível que o parceiro assexual, fora da relação, restitua o desejo, diante da relação que é assexual?

Em muitos relatos que li nas redes sociais, o que me chamou atenção foi perceber o quanto é fundamental que o psicólogo e profissionais ligados à área da saúde compreendam essa nova forma de ser da sexualidade, revendo seus valores, quebrando tabus. Cabe perguntar: como é que os psicólogos, os terapeutas de casal estão olhando para esse fenômeno e de que maneira estão qualificando isso em seus diálogos com os clientes? Como estão encaminhando seus diálogos em termo dos significados que a assexualidade possa ter nas relações que são trazidas para conversas em seus consultórios? A sexualidade ainda é um tabu para os terapeutas ou se fala sobre tal tema de forma tranquila? Têm os terapeutas assumido uma postura que reflete uma perspectiva de construção da realidade ou têm assumido uma postura normativa diante de tal tema?

Em um campo tão novo e desconhecido como o da *assexualidade*, seria de grande relevância novas pesquisas que aprofundassem o tema podendo dar mais visibilidade e esclarecimento diante das vivências das pessoas que fazem parte desse universo, que se apresentam com grandes diferenciais em termos das possibilidades de se viver a sexualidade no mundo contemporâneo.

Referências

- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bayer, B. M.; Shotter, J. (Org.) (1998). *Reconstructing the psychological subject: bodies, practices and technologies* (pp. 33-51). Londres: Sage, 1998.
- Cervený, C. M. de O. (Org.) (2006). *Família e... narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C. M. de O. (2000). *A família como modelo: desconstruindo a patologia*. Campinas: Livro Pleno.
- Critelli, D. M. (2007). *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica* (2a ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Curioso, M. *Assexuais: pessoas sem interesse por sexo são mais comuns do que você pensa*. Recuperado em 29 outubro, 2016, de <http://www.amambainoticias.com.br/geral/assexuais-pessoas-sem-interesse-por-sexo-sao-mais-comuns-do-que-voce-pensa>
- Foucault, M. (2014). *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra.
- Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida: Idéias & Letras.
- Gergen, K. J. (1997). *Realities and relationships: Soundings in social construction*. Cambridge: Harvard University.
- Gottman, J. (2014). *O que faz o amor durar? Como construir confiança e evitar traição*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Gottlieb, D. (1993). *Assuntos de família: dos desencontros à união afetiva*. São Paulo: Saraiva.
- Minayo, M. C. S. (2010). *Pesquisa social. Teorias, métodos e criatividade* (29a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, E. R. B. de. (2015). *Minha vida de ameba: os scripts sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola*. Tese de doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 25 agosto, 2016, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11052015-102351/pt-br.php>
- Vasconcelos, M. J. E. de. (2003). *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus.

Recuperado em 24 setembro, 2016, de

<http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2002/ep127/sexualidade.htm>

Recuperado em 19 agosto, 2016, de <http://www.assexualidade.org/faq>

Recuperado em 29 outubro, 2016, de http://www.asexuality.org/wiki/index.php?title=Main_Page